



**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

**Avaliação,  
Políticas  
e Expansão  
da Educação  
Brasileira 6**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 6

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 6 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 6)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-463-4 DOI 10.22533/at.ed.634191007  1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.  CDD 379.981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES DE AÇÕES	
Adriane Sanae Matuo Tacahashi Heloisa Toshie Irie Saito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DA CRIANÇA	
Edjôfre Coelho de Oliveira Claudiana Sousa Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A INTERVENÇÃO MUSICAL COM BEBÊS EM RISCO PSÍQUICO	
Aruna Noal Correa Ana Paula Ramos de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
A PRÉ-ESCOLA E A EMENDA 59/09 NO MUNICÍPIO DE ALVORADA/RS	
Mariane Vieira Gonçalves Ana Cláudia Von Wurmb da Silva Vera Dausacker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
BEBÊS EM BERÇÁRIO: EXPLORAÇÃO SONORO-MUSICAL COTIDIANA	
Aruna Noal Correa Cláudia Ribeiro Bellochio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO (NO) CORPO – A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA MOTRICIDADE NA INFÂNCIA	
Deborah Kramer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
COSTURINHAS: ALINHAVANDO AUTORIAS	
Marcelo Magalhães Foohs Ester Julice dos Santos Bastos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: UM ESTUDO SOBRE A OFERTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE/PB	
Naara Queiroz de Melo Melânia Mendonça Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>79</b>
EXPERIÊNCIAS NARRADAS CORPORALMENTE E AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Luciana Silvia Evangelista Mônica Caldas Ehrenberg	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6341910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>95</b>
FIGUEIREDO PIMENTEL: DO NATURALISMO À BIBLIOTHECA INFANTIL	
Soyane da Silva Santos Janahina de Oliveira Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
FILOSOFIA E INFÂNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS	
Williams Nunes da Cunha Junior Dariely Lays Monteiro de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>115</b>
MUSICALIZAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: CRIANÇAS PEQUENINHAS E SUAS EXPLORAÇÕES MUSICAIS	
Maria Cristina Albino Galera Marta Regina Paulo da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>131</b>
O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, O PNAIC E A NOVA VERSÃO DA BNCC: ENTRE TENSÕES E DESAFIOS	
Claudia de Souza Lino Claudia de Oliveira Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>144</b>
POLÍTICA DE “UNIVERSALIZAÇÃO” DA PRÉ-ESCOLA NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE/PB (2014-2016)	
Kilma Wayne Silva de Sousa Melânia Mendonça Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS E QUALIDADE NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA PESQUISA EM DUAS EMEIS DE SANTA MARIA - RS	
Andressa Wiedenhof Marafiga Jucilene Hundertmarck Taciana Camera Segat	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>169</b>
SER CRIANÇA, SER BRINCANTE: REFLEXÕES SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Michaelly Calixto dos Santos Priscila Gomes dos Santos Sayarah Carol Mesquita dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
SOBRE DIVERTIR, EDUCAR E INSTRUIR AS CRIANÇAS: O CASO DA REVISTA <i>VIDA INFANTIL</i> (1947-1951)	
Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
O EFEITO DAS SESSÕES DE EDUCAÇÃO PARENTAL SOBRE AS PRÁTICAS DOS PAIS/ CUIDADORES RESIDENTES NO DISTRITO DE MATUTUÍNE, PROVÍNCIA DE MAPUTO, TAL COMO PERCEBIDO PELAS PARTICIPANTES E FACILITADORAS	
Lucena Albino Muianga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>208</b>
“ <i>CRIANÇA NÃO TRABALHA, CRIANÇA DÁ TRABALHO</i> ”: DO CANTO AO DESENCANTO DOS DIREITOS INFANTIS SOB OLHARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA	
Maria Cristina Silva Torres Soares Claine Gonçalves Nery	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>217</b>
A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: DO ONÍRICO AO REAL – POSSIBILIDADES	
Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>225</b>
CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA REFLEXÃO DO PAPEL DO PROFESSOR: EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Deine Queiroz da Conceição Marcela Silva Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
CURRÍCULO INTEGRADO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NO PROEJA	
Gilvana Mendes da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100722</b>	



<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA PROPOSTA DO PROJovem URBANO: EMBATES E DESAFIOS	
<a href="#">Marcos Torres Carneiro</a> <a href="#">Maria Aparecida de Queiroz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>247</b>
MARCOS CONCEITUAIS E LEGAIS E OS DILEMAS ENFRENTADOS PELA JUVENTUDE EM BUSCA DE TRABALHO E EDUCAÇÃO	
<a href="#">Yossonale Viana Alves</a> <a href="#">Márcio Adriano de Azevedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>262</b>
O PROGRAMA BRASIL PROFISSIONALIZADO NO RIO GRANDE DO NORTE: ALGUMAS REFLEXÕES	
<a href="#">Suerda Maria Nogueira do Nascimento</a> <a href="#">José Moisés Nunes da Silva</a> <a href="#">Maria Aparecida dos Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>275</b>
CENÁRIOS DO CONTEXTO EDUCACIONAL: GÊNERO, INFÂNCIA E (IN) DISCIPLINA	
<a href="#">Franciéli Artl Lopes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>286</b>
DIVERSIDADE DE PÚBLICO E POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
<a href="#">Maria Aparecida dos Santos Do Nascimento</a> <a href="#">Sílvia da Aparecida Cavalheiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>302</b>
PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS	
<a href="#">Kátia Batista Martins</a> <a href="#">Adriana Cristina de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100728</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>319</b>
UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO CURIOSIDADE CIENTÍFICA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<a href="#">Flávia Simões de Moura</a> <a href="#">Luzia Bueno</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63419100729</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>331</b>

## A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES DE AÇÕES

**Adriane Sanae Matuo Tacahashi**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maringá – Paraná

**Heloisa Toshie Irie Saito**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maringá – Paraná

**RESUMO:** O brincar, ação de destaque principalmente na infância, passou por mudanças ao longo do tempo no que se refere a seu significado e objetivo dependendo da concepção da sociedade, e hoje em dia, são inúmeras as brincadeiras existentes ao redor do mundo que variam de região para região. Dentre tantos subtópicos possíveis de serem estudados sobre a temática, a de representação de papéis chama a atenção por muitas vezes ser visto crianças explorando sua imaginação e criação e fazendo de conta que é determinado personagem, utilizando-se de diferentes brinquedos ou objetos para compor o cenário fantástico que constrói. Alicerçado na pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica (PIC/UEM) e, posteriormente, nos estudos desenvolvidos pelo grupo de estudos em formação docente e práticas pedagógicas na educação infantil (GEFOPPEI), esse capítulo tem por finalidade discutir o brincar de faz de conta e sua importância para as crianças que frequentam a educação infantil, bem como

apresentar a relação dessa atividade com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica e a fundamentação teórica foi a psicologia histórico-cultural, em que Vigotski é o autor de grande representação. Concluímos que a brincadeira de faz de conta possui profundo elo com a aprendizagem e o desenvolvimento, além de desencadear e auxiliar na formação de diversas funções significativas para o sujeito. Diante disso, o brincar de faz de conta precisa existir no desenvolvimento das práticas pedagógicas da educação infantil e ser planejado cuidadosamente pelos professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar. Brincadeira de faz de conta. Educação infantil.

**ABSTRACT:** Play, an action mainly seen in childhood, has undergone changes over time in terms of its meaning and purpose depending on the conception of society, and today there are innumerable children's games around the world that vary from region to region. Among so many possible subtopics to be studied on the subject, the role-playing game calls attention to be seen children exploring their imagination and creation and pretending to be a character, using different toys or objects to compose the fantastic scenery. Based on the research done in the *Programa de Iniciação Científica* (Scientific Initiation Program) (PIC/UEM), and

later on in the studies developed by the *grupo de estudos em formação docente e práticas pedagógicas na educação infantil* (group of studies on teacher education and pedagogical practices in early childhood education) (GEFOPPEI), this chapter aims to discuss the pretend game and its importance for children attending childhood education, as well as to present the relation of this activity to the learning and development of the child. The methodology used was bibliographical research and the theoretical foundation was based on historical-cultural psychology, which Vygotsky is the author of great representation. We conclude that pretend game has a profound connection with learning and development, as well as triggering and assisting the formation of several functions meaningful to the subject. Given this, the pretend game has to exist on the development of the pedagogical practices in early childhood education and be carefully planned by teachers.

**KEYWORDS:** Play. Pretend Game. Childhood education.

## 1 | INTRODUÇÃO

Quando se pergunta ou abre uma discussão acerca das principais atividades desenvolvidas na educação infantil, o brincar é provavelmente uma das mais citadas, por ser prática comum adotada por boa parte das crianças e contribuir, paulatinamente, em seus processos de desenvolvimento. Documentos educacionais que dizem respeito a essa faixa etária, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), destacam os benefícios que o brincar proporciona tanto para as crianças como para os professores, os quais possuem a chance de observá-las em uma situação diferente e descobrir mais de suas expressões, linguagens, gestos, movimentos, pensamentos e formas de interação com o mundo.

É fato que existem muitas maneiras de brincar e de brincadeiras que diferem em cada região, sejam estas no Brasil ou no exterior; aquelas com regras, sem regras, ou passadas de geração em geração e persistem no tempo. Dentre tantos tipos, esse capítulo propõe uma discussão a respeito do brincar de faz de conta, o qual também pode ser chamado de jogo protagonizado, brincadeira de representação de papéis, dramatização infantil, entre outros. Com base na pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica (PIC/UEM), cujo título foi “O brincar de faz de conta na educação infantil” e fundamentado nos estudos desenvolvidos pelo grupo de estudos em formação docente e práticas pedagógicas na educação infantil (GEFOPPEI) apresentaremos alguns dos resultados obtidos durante essa etapa de estudo.

Nosso objetivo foi o de averiguar o papel da brincadeira de representação de papéis no contexto da educação infantil e a sua ligação com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, tendo como subsídio a discussão de vários autores que tratam a respeito da temática. Destacamos as possibilidades de atuação do professor no momento da atividade, isto é, o modo que ele pode organizá-la e as possíveis ações a serem tomadas a fim de propiciar uma dinâmica que favoreça as crianças em

seu desenvolvimento e contínua formação.

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, na qual se buscou materiais, como livros e artigos científicos, que dissertem não apenas do brincar, mas também, especificamente, acerca do faz de conta. De início, foram feitas leituras desses escritos com o intuito de maior aproximação com o tema. No meio desse processo, sublinhamos as ideias e as discussões que consideramos relevantes para assim, começarmos a pesquisa.

O referencial teórico utilizado foi a teoria histórico-cultural, em que o psicólogo russo Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934) é representante de destaque. De forma geral, a teoria salienta a importância da interação do sujeito com o meio social, por ser motor que gera desenvolvimento ao primeiro. Como acreditamos que a intervenção do professor com a criança é significativa devido à possibilidade de aquisição de novas aprendizagens e experiências de forma planejada, a qual colabora em seu gradual desenvolvimento, a perspectiva histórico-cultural é a que estaria mais de acordo com as nossas discussões.

Sobre a organização desse capítulo, pode-se dizer que está dividido em duas seções: no primeiro, focamos na caracterização da brincadeira de faz de conta; no segundo, destacamos sua relação com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, as possibilidades de ações da atividade no espaço da educação infantil e o papel do professor. Em seguida, finalizamos nossas reflexões, apontando uma síntese do estudo realizado.

## **2 | UMA ENTRADA NO CENÁRIO IMAGINATIVO: NUANCES E PECULIARIDADES DA BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA**

Diversas atividades humanas sofreram mudanças ao longo do tempo, ou seja, não permaneceram estáticas desde o momento em que surgiram ou foram criadas. O brincar, igualmente, nunca foi o mesmo, sejam em seus objetivos, sua identidade ou a concepção do adulto sobre a mesma. Se as coisas mudam nos diferentes contextos em virtude do tipo de visão adotado na época, a brincadeira também teve seus diferentes significados e formas de compreensão baseadas nas ideias tidas daquele momento. Kishimoto (1997) nos revela a existência do brincar desde o período da Antiguidade greco-romana, e destaca que era visto como uma atividade para as crianças relaxarem depois de imersas nas que exigem muito de sua energia física e mental. Em outro período, o Renascimento, o brincar passa a ser visto como benéfico para os estudos “[...] e para divulgar princípios de moral, ética [...]” (KISHIMOTO, 1997, p. 28).

Entretanto, não apenas seu conceito muda, mas também as formas de brincadeiras. As do Brasil não seriam as mesmas de outro país, pois cada qual tem as suas típicas, e dentre inúmeras, existe a chamada brincadeira de faz de conta. Não se tem um consenso da idade em que ela emerge e dura – até porque, cada criança tem

a sua peculiaridade –, mas a mais destacada seria o que corresponde dos 2 a 5 ou 3 a 6 anos de idade. Sobre o que seria esse brincar, Bomtempo (1997, p. 95) afirma:

[...] implica a representação de um objeto por outro, a atribuição de novos significados a vários objetos, a sugestão de temas, como: 'Vamos dizer que isso é um cavalinho?' (apontando para um pedaço de madeira) ou a adoção de papéis, como 'sou o pai', 'sou o médico', 'sou a mãe' etc.

Portanto, como o próprio nome sugere, a criança, quando imersa nesse brincar, representa um papel, faz de conta que é determinado personagem, seja ele real ou fictício. Porém, essas representações não se restringem apenas a si, mas também é atribuída a objetos. A criança pode ser o professor com quem convive durante os dias na instituição, ou um pirata que viu em algum desenho animado. Ela é quem cria esse cenário imaginativo, o personagem a ser representado, os objetos a serem utilizados. Por conta dessa grandiosidade, é um mundo em que não há limites, porque no brincar “[...] é como se ela fosse maior do que é na realidade” (VIGOTSKI, 2007, p. 122). É como se fosse maior, pois, enquanto na realidade a criança é apenas uma criança, no faz de conta pode ser um adulto, uma criatura fantasiosa, enfim, aquilo que deseja ser, já que essa brincadeira permite extrapolar a linha do real e do concreto.

Feita essa caracterização geral do que seria esse brincar, ainda há outra questão a ser debatida: a representação de um objeto por outro, ou a concessão de um novo significado para o mesmo. Este seria o processo de fazer de conta que um objeto é outro em razão da impossibilidade do contato com o objeto real: com a falta de um cavalo no cenário criado, uma vassoura poderia ser um substituto, por exemplo. No entanto, essa capacidade não está presente desde o início do nascimento; ela é paulatinamente desenvolvida.

Afirma Vigotski (2007) que as crianças com menos de três anos de idade não conseguem separar o significado real de um objeto por outro, pois ela tem uma forte ligação com aquilo que enxerga, ou seja, com o concreto. Mesmo que alguém insista na ideia de fazer de conta que uma vassoura pode ser um cavalo, a criança não aceitará a proposta, porque se o que ela vê é uma vassoura, então é esse o objeto e não outro. Essa situação mostra o quanto o ambiente tem domínio sobre a mesma, e até mesmo determine seus movimentos: “uma porta solicita que a abram e fechem, uma escada, que a subam, uma campainha, que a toquem” (VIGOTSKI, 2007, p. 113). Isso quer dizer que ela age de acordo com a disposição do meio externo, e não por meio de suas decisões ou de suas vontades.

A partir do momento em que a criança alcança a idade pré-escolar, essa relação passa por modificações: se antes o objeto é predominante sobre o significado (objeto/significado), nessa fase, o significado é que começa a prevalecer sobre o objeto (significado/objeto). A interação entre ambas inverte. Com essa conquista, a criança não possui mais a dependência única e exclusiva de sua visão, com o concreto, porque ela agora estabelece conexão com a sua mente, seus pensamentos, sua abstração, e pode fazer de conta que um objeto é outro, pode substituir o significado real de um

objeto temporariamente durante a brincadeira, a fim de adaptá-la ao cenário e atender as suas necessidades. Da mesma forma, a relação ação/significado inverte-se para significado/ação. Assim, a criança age da forma que deseja, conforme a maneira que pensou, partindo de suas ideias, e não do que o meio externo determina, que era o que acontecia antes dos três anos de idade. Essas, portanto, são conquistas importantes a serem alcançadas, não apenas para o desenrolar do faz de conta, mas também para outras atividades a que a criança terá contato futuramente.

Outro ponto abordado por Vigotski (2007) a respeito do brincar é sobre o porquê de as crianças brincarem. Quando bebês, os desejos são saciados rapidamente, já que os adultos, logo que percebem seus desconfortos, agem imediatamente para acabarem com o problema. À medida que crescem, no entanto, há o aparecimento de vontades difíceis de serem atendidas as quais requerem a criança esperar até tornar-se adulta – como, por exemplo, ser professor ou assumir qualquer outro cargo profissional. Então,

Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo (VIGOTSKI, 2007, p. 108-109).

Ou seja, mesmo que a realidade não permita, a brincadeira possibilita a realização de suas vontades, por poder assumir quaisquer personagens que desejar.

Outro motivo de as crianças brincarem, dissertado por Leontiev (2016), é com o objetivo de conhecerem mais acerca do mundo em que vivem. Cada dia para ela é um novo aprendizado, um novo desafio, novos espaços sendo frequentados, novos objetos sendo manuseadas, novas pessoas com quem interage; tudo para ela é novidade. Diante disso, nesse contato com o desconhecido, é normal a curiosidade e o anseio de querer descobrir cada vez mais, enchê-la. Todavia, nem todos os objetos ela pode tocar ou se apoderar, mas na brincadeira é possível, mesmo que de faz de conta, quando ela substitui o significado real de um objeto por outro.

Por último, acerca das principais características do brincar de faz de conta, é que a mesma é composta por regras. Porém, não são as regras vistas, por exemplo, em jogos de tabuleiro, em que estão escritas ou são ditas previamente por alguém. São regras que estão presentes na própria ação, quando a brincadeira está acontecendo. Vigotski (2007, p. 111) assevera que “sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras – não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas as que têm sua origem na própria situação imaginária”. Essas regras, que podem ser chamadas de implícitas por não serem apresentadas antecipadamente, seriam as regras de comportamento seguidas pela criança com o intuito de desempenhar o seu personagem. Para isso, ela precisará ter autocontrole sobre suas vontades, ou seja, não poderá agir do modo que deseja, pois isso implicaria “quebrar” a regra de comportamento do papel que assumiu na brincadeira. Com essa situação posta, seria incorreta a visão de que o faz de conta é desprovida de regras só por não estarem registradas.

### 3 | O FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO

Como podemos perceber até agora, a brincadeira de representação de papéis envolve diversas questões e complexidades e, portanto, não é uma simples atividade. E outro fato que comprova essa afirmação é que ela tem ligação com os níveis de desenvolvimento potencial e real, abordados por Vigotski (2007). O nível de desenvolvimento potencial corresponde às tarefas que a criança ainda depende da ajuda de alguém mais experiente para concretizá-las, isto é, ela não consegue fazê-las por conta própria. O nível de desenvolvimento real

[...] define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela (VIGOTSKI, 2007, p. 97).

Assim, seriam as funções que se desenvolveram e permitem a criança, agora, efetivar tarefas de forma independente. A razão de suas funções amadurecerem foi porque ela aprendeu a lidar com essas tarefas. Mesmo que no começo tenha dificuldade de executar sozinha, com o tempo, essas funções, ainda em desenvolvimento, amadurecerão por meio do aprendizado ao ponto de não necessitar mais de ajuda naquilo que tem que fazer. Em suma, mediante a intervenção de alguém mais experiente a ensinando, a criança, futuramente, poderá aprender a realizar por conta própria determinada atividade que não consegue atualmente.

Seguindo esse raciocínio, se o nível de desenvolvimento potencial significa recorrer ao auxílio, e o nível de desenvolvimento real, a independência, quer dizer que há uma distância a ser superada entre ambas. Esse espaço entre os dois é nomeado zona de desenvolvimento proximal. É nela que o professor deve trabalhar, porque pela lógica, a distância só pode ser quebrada por intermédio da aprendizagem: o docente deve ensinar quantas vezes for necessário até que a criança ultrapasse esse obstáculo e seja capaz de cumprir a tarefa sozinha.

A ligação desses dois níveis, a zona de desenvolvimento proximal e o faz de conta é que, conforme Rego (1994), na brincadeira, a criança não age como normalmente o faz no dia-a-dia. “O esforço em desempenhar com fidelidade aquilo que observa em sua realidade faz com que ela atue num nível bastante superior ao que na verdade se encontra” (REGO, 1994, p. 82). Ou seja, o comportamento do papel que ela assume no brincar não está em consonância com o seu comportamento habitual infantil. A forma de agir de um profissional da saúde não é o mesmo de uma criança, por exemplo. Por ela ter essa preocupação em desempenhar seu personagem da forma mais fiel que conseguir, ela pode ser capaz de aprender coisas que não foram possíveis na realidade mediante o papel que está atuando, seja a maneira de segurar um lápis ou executar corretamente os movimentos de manuseio de um objeto. São aprendizagens que não se restringem e aparecem apenas nesse cenário imaginativo, pois ele é

incorporado no mundo real e como qualquer aprendizado, subsidia em seu processo de desenvolvimento e contribui na anulação da distância entre os níveis potencial e real.

Diante de tudo isso, ressaltamos que a brincadeira de faz de conta merece ter seu lugar especial na educação infantil, assim como qualquer outra atividade. Entretanto, é necessário salientar, como fazem Cória-Sabini e Lucena (2004, p. 41, grifo nosso): “[...] as brincadeiras usadas na situação escolar podem criar condições para a criança avançar no seu desenvolvimento cognitivo, porém elas precisam ser **cuidadosamente planejadas** pelo professor”. Isto é, o brincar também tem que ser planejado e pensado cuidadosamente acerca de suas possibilidades, limites, espaço a ser utilizado, os materiais, os brinquedos, etc..

Com base no que Marcolino e Mello (2015) dissertam, algumas sugestões para o professor explorar ainda mais o faz de conta na educação infantil seria ampliar o número de temas a serem adotados na brincadeira. Mostrar as diversas atividades humanas existentes por meio de uma apresentação interativa dentro da escola, ou até fora, como a organização de um passeio. Se Vigotski (2009) salienta que quanto maior o contato com diferentes experiências, maiores serão as possibilidades de materiais a serem utilizados para a consolidação da imaginação, então esse seria um bom caminho para o enriquecimento do faz de conta. A criação e a inserção de situações que requerem a resolução de problemas também são oportunas, pois é necessário que a criança utilize e trabalhe funções como a atenção voluntária e a concentração, que estão muito presentes no dia-a-dia e podem ser cada vez mais desenvolvidas no brincar. É possível, apontam ainda as autoras, suscitar reflexões a respeito de assuntos sociais, devido ao tipo de cenário imaginativo criado pelas crianças. Isso auxilia na formação de um sujeito crítico e questionador em relação ao mundo que as cerca. A organização de brincadeiras em grupo também é viável, pois permite aprender a cooperação, colaboração, escuta do outro, trabalho em equipe, etc.. Enfim, por meio da intervenção do professor, são várias as maneiras de aprimorar essa brincadeira.

No entanto, por mais que acreditemos na importância da ação do professor no faz de conta, é preciso que tenha limites e atenção, conforme Marcolino e Mello (2015) alertam. Se mostrar muito ativo e controlador na brincadeira a tal ponto de seus pensamentos, sem intenção, se sobressaírem ao das crianças pode levá-las ao desinteresse em dar seguimento à atividade, devido à falta de espaço dado para elas agirem e se expressarem. Da mesma forma, mantê-las no mesmo tipo de esquema e tema do faz de conta sem estimulá-las a novos desafios e situações pode recair igualmente ao desinteresse, pois se torna monótono e repetitivo.

Assim, destacamos que o ideal seria o equilíbrio entre a ação do professor e a da criança. O primeiro participa de todos os detalhes do planejamento da brincadeira, no pensar antecipadamente a forma de intervir sem deixar de lado a figura infantil, no observá-las no momento em que a atividade desenrola. E as crianças ajudam o docente manifestando suas diferentes linguagens, expressões, movimentos, pensamentos,



ideias, visão em relação ao mundo por intermédio do faz de conta, possibilitando ao adulto conhecer e descobrir cada vez mais sobre cada uma e fortalecendo a relação entre ambos.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

À primeira vista, o brincar parece ser uma atividade simples e natural da criança. Porém, ambas as visões estão incorretas. Não apenas a de faz de conta, mas qualquer tipo de brincadeira tem suas complexidades e favorece no desenvolvimento infantil e funções psicológicas superiores, seja a concentração, a memória, o movimento, a criação, a imaginação, a capacidade de abstração, de construção progressiva do pensamento crítico e reflexivo, entre vários outros. Devido a todas essas questões, é impossível nomeá-la como simples, pois contribui em diversos aspectos importantes desse curso contínuo de formação do indivíduo.

A brincadeira não é natural por ser uma atividade social. A criança não começará a manifestá-la quando atingir determinada idade ou quando tais funções amadurecerem. Ela aprende a brincar. Como prova e exemplo de que o brincar é uma construção social, na de representação de papéis, nosso foco de estudo, os personagens encenados são baseados nas figuras com quem a criança tem contato, de alguma forma, na realidade. Portanto, são conhecimentos que elas adquirem enquanto vivem em sociedade e, assim, incorporam na brincadeira.

Se os saberes aprendidos refletem no faz de conta, é nosso dever como profissionais da área educacional ampliá-los. Não somente para enriquecer o brincar, mas também as experiências e vivências que, quanto maiores, mais favorecem o processo de desenvolvimento humano. Dessa forma, além dessas instituições precisarem transmitir segurança e conforto, devem propiciar aprendizagens, tendo em mente as especificidades das crianças de 0 a 5 anos – que não são as mesmas das idades posteriores. É preciso, então, que o planejamento seja cuidadosamente criado pelo professor, já que nessa fase muitas funções interiores estão sendo ainda desenvolvidas. Cada detalhe pensado faz a diferença e transmite a preocupação do docente por cada envolvido de sua turma.

Por fim, podemos afirmar que a brincadeira de faz de conta é uma forma de linguagem que possibilita conhecer um pouco mais da criança em seu agir e manifestação. Todavia, é necessário que o professor esteja atento a viabilizar essa expressão infantil, sem deixá-la na sombra. Por vezes, na prática, pode ser que haja obstáculos na concretização de todos os pontos discutidos ao longo do texto; porém, pensar e refletir a respeito já é o ponto de partida para a conquista de uma educação infantil de qualidade para nossas crianças.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar de simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 56-71.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. In: \_\_\_\_\_. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 12-43.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 14. ed. São Paulo: Ícone, 2016, p. 119-142.

MARCOLINO, Suzana; MELLO, Suely Amaral. Temas das brincadeiras de papéis na Educação Infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], Brasília, vol. 35, n. 2, pg. 457-472, abril/jun. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932015000200457&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200457&lang=pt)> (acesso em 14 de fevereiro de 2019).

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico – livro para professores**. São Paulo: Ática, 2009.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-463-4



9 788572 474634